

«««TRIBUNA DO VATE»»»»
“OS MAIS BELOS POEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA”

BIOGRAFIA DE GUERRA JUNQUEIRO



Abílio Manuel Guerra Junqueiro Poeta e político português, nascido em 1850, em Freixo de Espada à Cinta (Trás-os-Montes), e falecido em 1923, em Lisboa, Guerra Junqueiro é entre nós o mais vivo representante de um romantismo social panfletário, influenciado por Vitor Hugo e Voltaire. Oriundo de uma família de lavradores abastados, tradicionalista e clerical, é destinado à vida eclesiástica, chegando a frequentar o curso de Teologia entre 1866 e 1868. Licenciou-se em Direito em Coimbra, em 1873, durante um período que coincidiu com o movimento de agitação ideológica em que eclodiu a Questão Coimbrã. Nessa cidade convive de perto com o poeta João Penha, em cuja revista literária, *A Folha*, faz a sua estreia literária. Durante a sua vida, combina as carreiras administrativa (exercendo a função de secretário dos governos civis de Angra do Heroísmo e de Viana do Castelo) e política (sendo eleito por mais de uma vez deputado pelo partido progressista) com a lavoura nas suas terras de Barca de Alva, no Douro. "Foi o poeta mais popular da sua época e a sua poesia ajudou a criar o ambiente revolucionário que conduziu à implantação da República".

Regresso ao Lar

Ai, há quantos anos que eu parti chorando
 Deste meu saudoso, carinhoso lar!...
 Foi há vinte?...há trinta? Nem eu sei já quando!...
 Minha velha ama, que me estás fitando,
 Canta-me cantigas para eu me lembrar!...

Dei a volta ao mundo, dei a volta à Vida...
 Só achei enganoso, decepções, pesar...
 Oh! a ingénua alma tão desiludida!...
 Minha velha ama, com a voz dorida,
 Canta-me cantigas de me adormentar!...

Trago d'amargura o coração desfeito...
 Vê que fundas mágoas no embaciado olhar!
 Nunca eu saíra do meu ninho estreito!...
 Minha velha ama que me deste o peito,
 Canta-me cantigas para me embalar!...

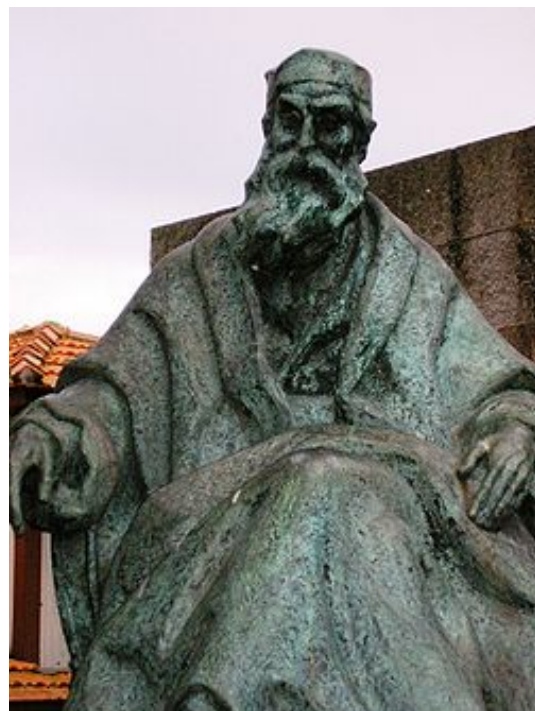
Pôs-me Deus outrora no frouxel do ninho
 Pedrarias d'astros, gemas de luar...
 Tudo me roubaram, vê, pelo caminho!...
 Minha velha ama, sou um pobrezinho...
 Canta-me cantigas de fazer chorar!

Como antigamente, no regaço amado,
 (Venho morto, morto!...) deixa-me deitar!
 Ai, o teu menino como está mudado!
 Minha velha ama, como está mudado!
 Canta-lhe cantigas de dormir, sonhar!...

Canta-me cantigas, manso, muito manso...
 Tristes, muito tristes, como à noite o mar...
 Canta-me cantigas para ver se alcanço
 Que a minh'alma durma, tenha paz, descanso,
 Quando a Morte, em breve, ma vier buscar!...

O PAPÃO

As crianças têm medo à noite, às horas mortas
 Do papão que as espera, hediondo, atrás das portas,
 Para as levar ao bolso ou no capuz dum frade,
 Não te rias da Infância, ó velha humanidade,
 Que tu também tens medo ao bárbaro papão,
 Que ruge pela boca enorme dum trovão,
 Que abençoa os punhais sangrentos dos tiranos,
 Um papão que não faz a barba há seis mil anos,
 E que mora, segundo os bonzos têm escrito,
 Lá em cima, de trás da porta do Infinito.



Obras de Guerra Junqueiro

Contos para a Infância (1875) - A velhice do padre eterno (1885) - Os Simples (1892) - Pátria (1915)
 Duas Paginas Dos Quatorze Anos - O Melro

POST SCRIPTUM

Quando eu morrer abram-me o peito
 E desta jaula, onde houve um leão,
 Tirem, - o cárcere era estreito -
 Meu velho e altivo coração.

Depois sem dó e sem respeito,
 Sem um murmúrio de oração,
 Lancem-no assim, - vai satisfeito -
 À vala obscura, à podridão.

Para que durma e se desfaça
 No lodo amargo da desgraça,
 Por quem bateu continuamente,

Como um tambor que entre a metralha
 Estoira ao fim duma batalha,
 Rouco, furioso, ansioso, ardente!